

Magazine

O TEMPO • BELO HORIZONTE • QUARTA-FEIRA, 3/2/77

ANA DAVIS: PIONEIRA



A democracia racial nos meios de comunicação é o reflexo do que acontece na própria sociedade: uma falacia. A declaração é da primeira repórter negra da televisão brasileira, ainda hoje movida por uma inquietude apaixonada. "Eu me chamo Maria das Graças Silva, esse é um nome numéricologicamente comunicativo. Só depois veio Ana Davis, em 1972, nome com o qual eu me consagrei como uma profissional de jornalismo", diz. Direta, contundente e comprometida com as questões raciais no Brasil, ela conta que abandonou a TV em 1990 porque não teve o direito de assumir a apresentação de algum programa em que pudesse estar par sua negritude. Depois de ter passado pela Rede Globo, TV Alterosa, TV Educativa e SBT, ela avalia as reais condições do mercado de trabalho na TV de hoje. Para Ana Davis, que na década de 70 atuou também como modelo e hoje é microempresária da comunicação, a revolução pelos direitos humanos no Brasil ainda não aconteceu e as idiossincrasias nacionais são impedimentos. "O racismo aqui ainda é muito grande", avalia. "No início da minha carreira, as pessoas se admiravam pelo fato de eu ser uma mulher negra e inteligente. Isso foi motivo de um tipo de assombro que me ofendia muito. Ainda hoje a TV brasileira continua muito aquém do que deveria ser".

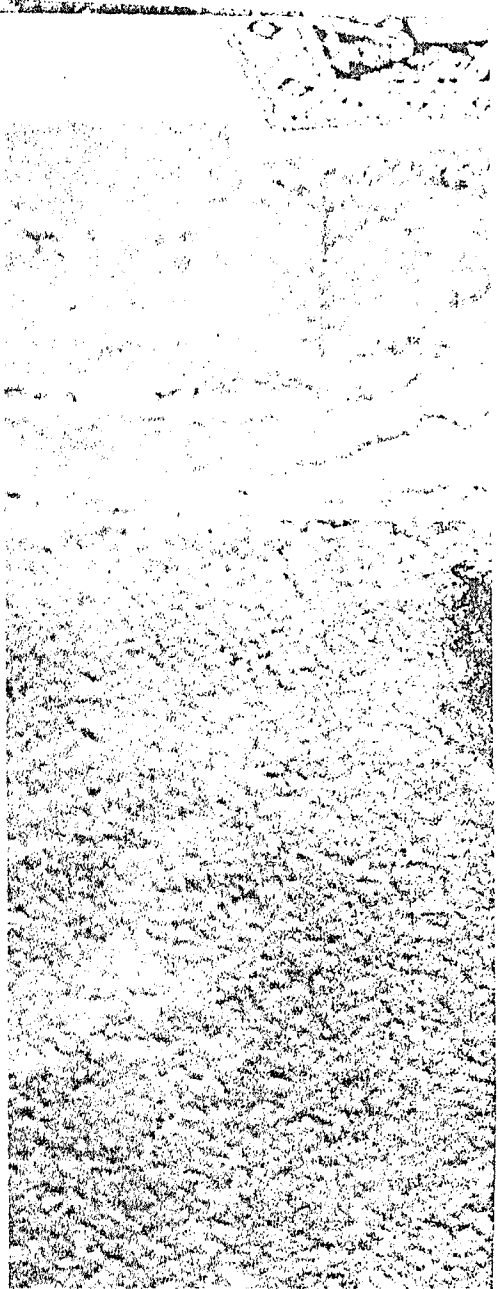
Ser negro no Brasil, como conta a jornalista, apresenta inevitavelmente receber salários menores e ter menos oportunidades. Falar abertamente sobre isso é fechar as portas. "Hoje me tornei uma pessoa visada, mas nenhuma emissora é maior que a verdade. Nenhuma é maior que a história e eu sou uma pioneira".

Mas Ana Davis, observa, entretanto, que essa não é uma história que a China conheça.

REPORTER

JANAINA CUNHA MELO

Para a primeira repórter negra atuar na televisão brasileira, democracia racial nos meios de comunicação é uma falacia



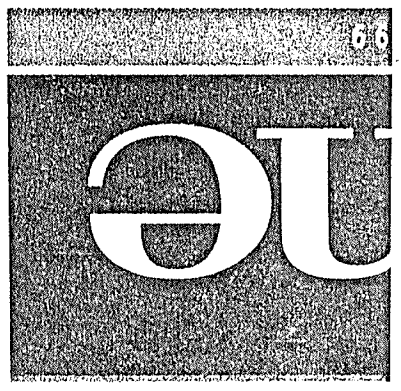
PAULO DE DEUS

IRISMO E OUSADIA



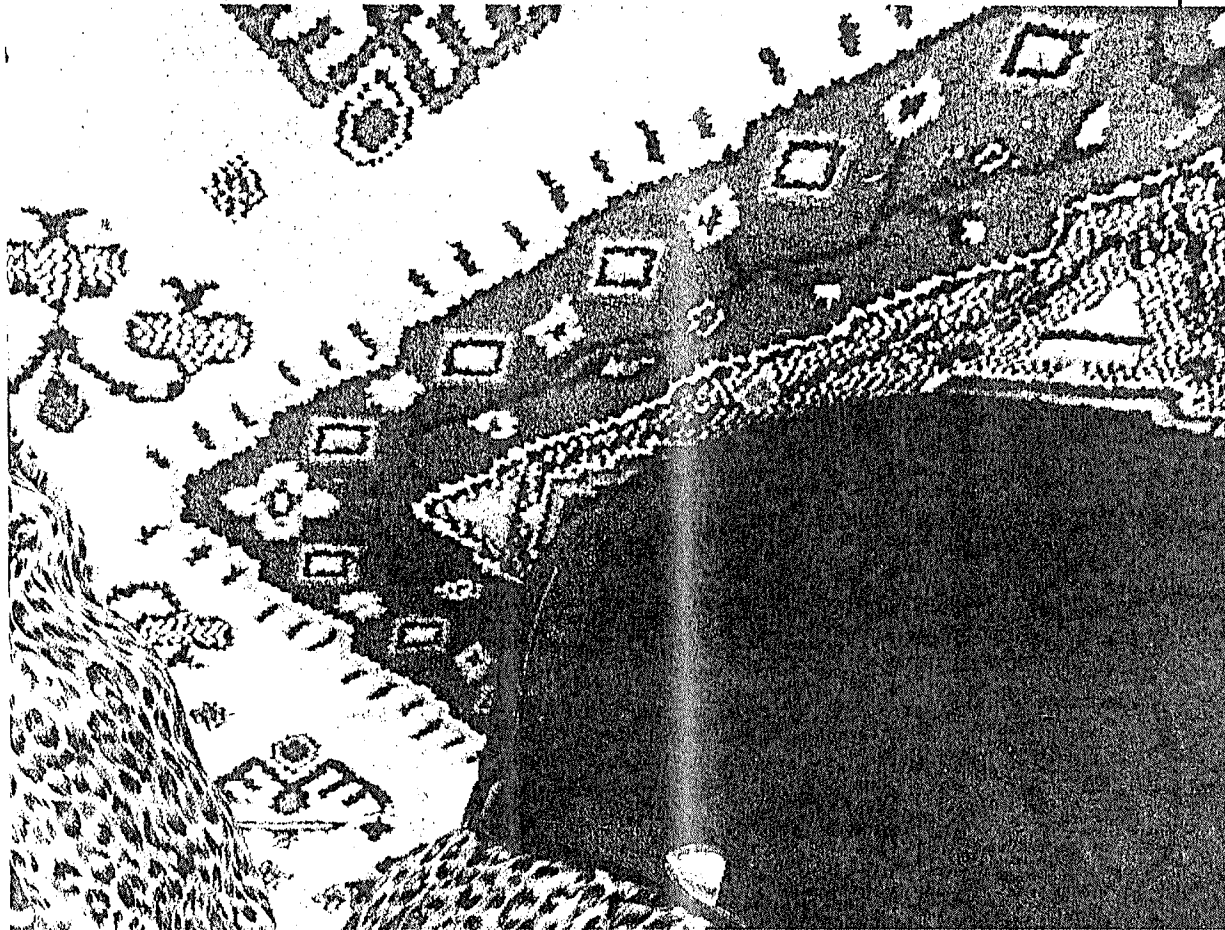
FCS VAI DEFINIR RUMOS DA SERRARIA SOUZA PINTO
 Nova proposta apresentada pela Fundação Clóvis Salgado define serraria como espaço multiuso

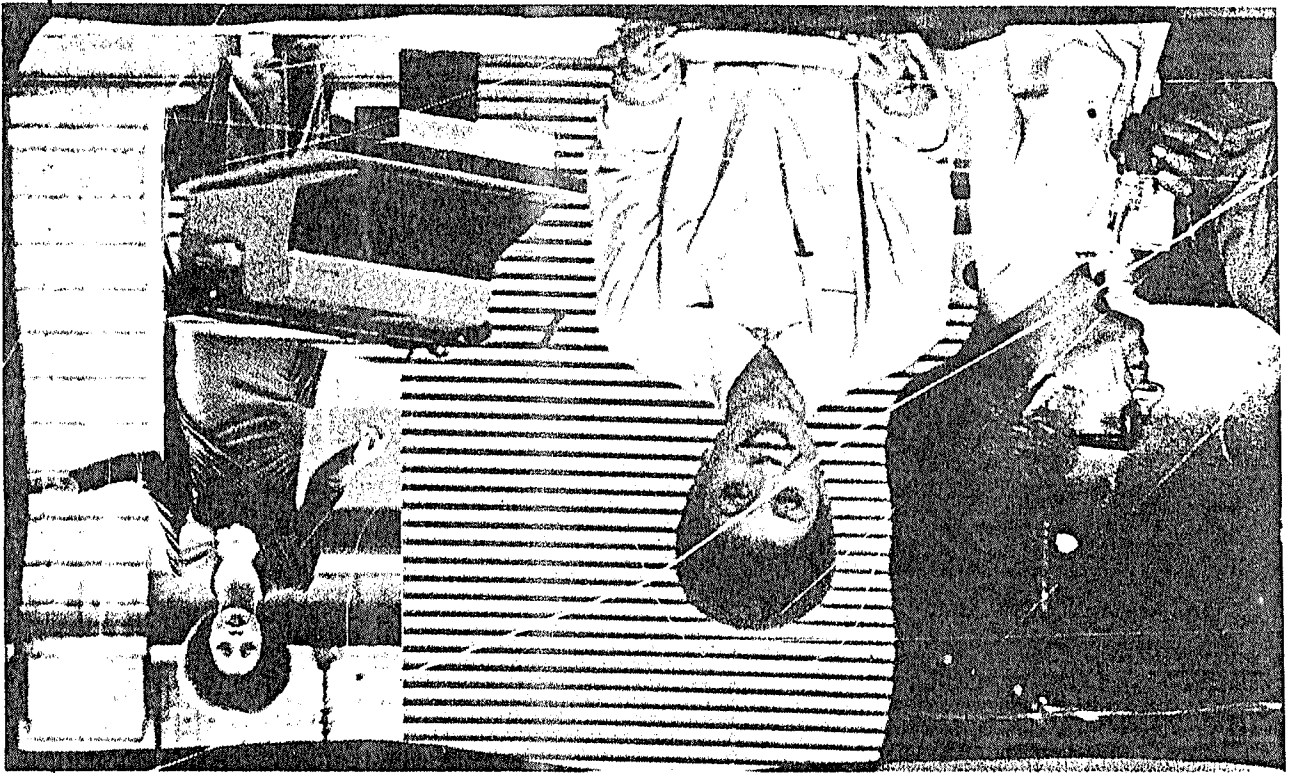
PÁGINA 3





A pioneira Maria das Graças Silva, que ficou conhecida na TV como Ana Davis (fotos abaixo): "No início, as pessoas se admiravam





FERNANDO FIUZA E SÔNIA POLAKIEWICZ SOBRE FOTOS ARQUIVO PESSOAL/ANA DAVIS

Leia mais na página 4

nos que nos restam, caso não haja alguma mudançã?"

humanidade subiu, o que fazer com os pelo menos 30 a- anos, ela se pergunta: "já que a expectativa de vida da consegue isso, mas aceita ganhar pouco". Agora aos 47 contudente e concreta. Uma garotinha inexperiente não digna e veraz. Tem de apresentar a notícia de forma leitoral não tem de ser sensual e bonita, tem de ser fi- rolinhas é uma maldade", ressalta. "Apresentadora de aliçadas da TV por causa da idade. "Essa ditadura das ga- lar assegurar alguma dignidade às profissionais que são- clagão de telejornalistas-master, cujo fundamento é len- fundar, ao lado de Lúcia Leme e Liane Matos, uma asso-

Do Rio de Janeiro, Davis também traz a proposta de las e até mesmo os atos de heroísmo", conta.

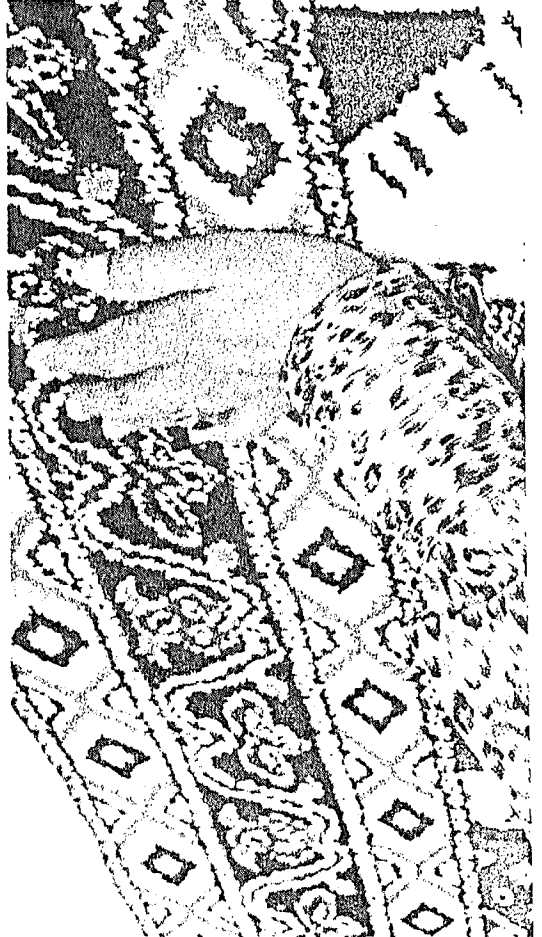
gões como tem sido difícil a nossa trajetória, as conqui- mulher. Gostaria de poder passar para as novas gera- televisão, sobre a minha visão de Brasil como negra e estou disposta a escrever sobre a minha experiência na terminar uma infinidade de livros inacabados. "Também de Notícias—, e faz planos para se redimir à literatura e agência Pic News—Processo de Imagem e Comunicação vis abre caminho para inaugurar na cidade uma filial da- to, depois de estar há 26 anos no Rio de Janeiro, Ana Da-

Projetos

que informar um pouco melhor.

destaca o "Jornal da Band" como o único que conse- a cabo e a imprensa internacional. Dos nacionais, ela dita ser fundamental acompanhar os telejornais da TV e suscitina a população. Os projetos são mais inco-

multo pelo fato de eu ser uma mulher negra e inteligente"

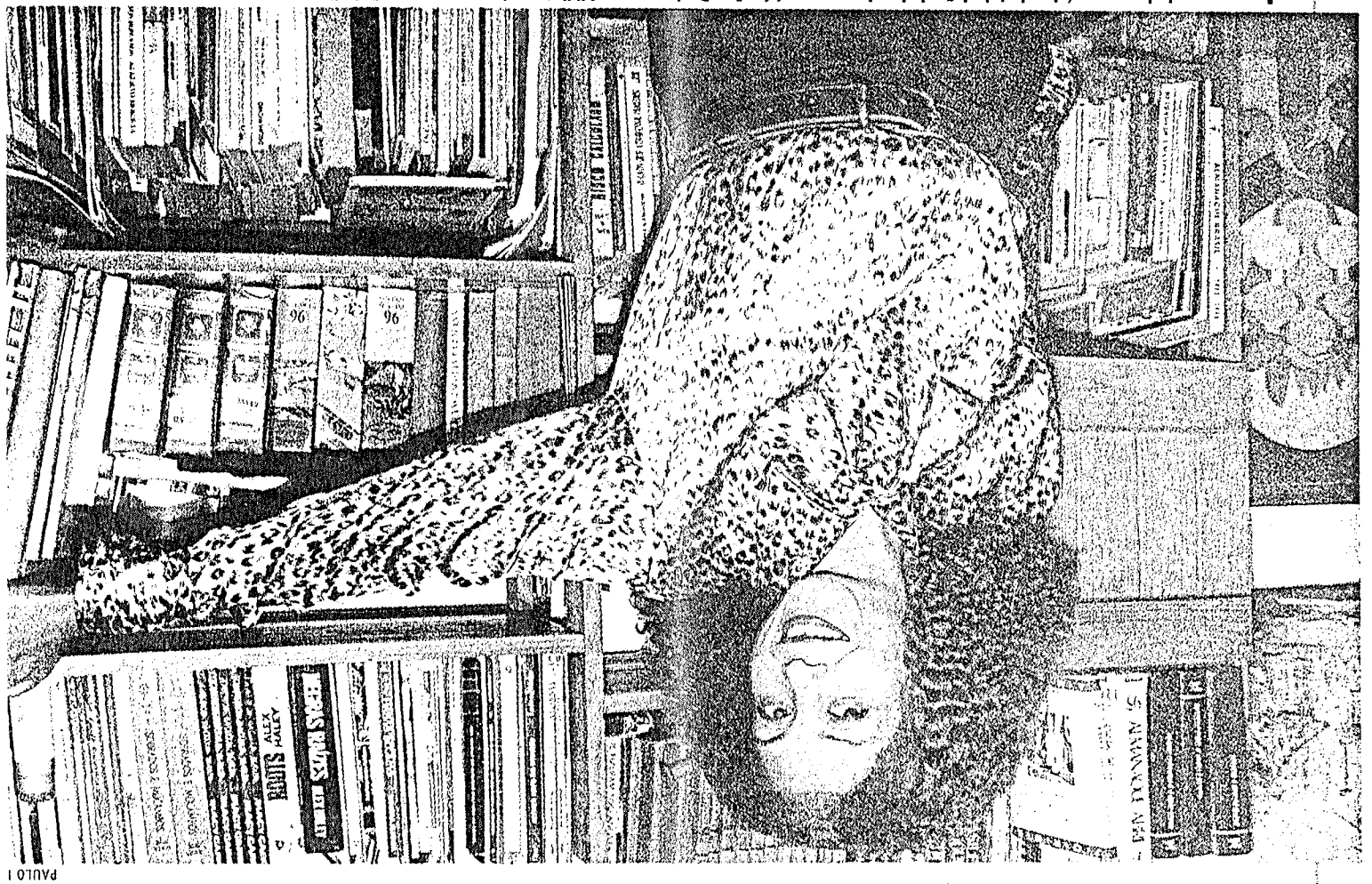


MARCO CAVALARI/REUTERS

Apresentadora diz que a TV cultural 'reinado das louras'

REPORTAGEM DE CAPA

A ex-apresentadora e repórter de televisão, hoje microempresária, Ana Davis posa na biblioteca de sua casa, em Belo Horizonte



PAULO I

Programa "O Povo na TV", deixou o veículo depois de uma carreira vitoriosa em diversas emissoras

JANAÍNA CUNHA MELO

REPÓRTER

Ana Davis ingressou no jornalismo em 1972, depois de ter sido aprovada em teste para uma vaga no jornal local da Rede Globo. "Eles precisavam de uma apresentadora e me escolheram entre outras dez garotas", relembra. Na época, aos 19 anos, Ana cursava o Teatro Universitário, estudava canto, ditação, empostação vocal, interpretação e expressão corporal — uma vivência que contribuiu para a sua contratação e posterior convite, um ano depois, para trabalhar no "Jornal Hoje" de Rio de Janeiro, onde ficou por cinco anos. Depois da TV Globo, Ana Davis esteve nos Estados Unidos por um ano e meio, estudando. De volta ao Brasil, depois de ter conquistado os diplomas do English Language Service, do Toifel Test e do certificado de Michigan, teve entrada direta na TV Educativa, em um programa de alfabetização do exilino Mobra, além das coberturas de Carnaval.

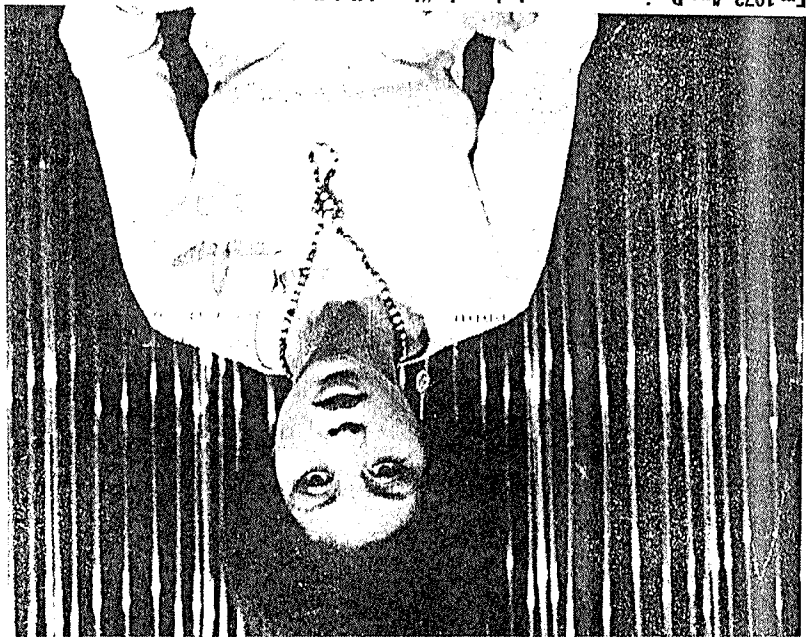
Mas sua imagem se consolidou de maneira mais definitiva na memória dos telespectadores com o seu trabalho em "O Povo na TV", no SBT, do qual ela participou desde a fundação. Já em 1988, Ana Davis foi convidada por Luis Fernando Emediato para integrar a equipe do "TV Brasil". "Ele já conhecia o meu trabalho e acreditava no meu talento. Fiz a ancoragem desse jornal por dois anos. Depois, sai da televisão e não voltei mais", conta. Para a jornalista, a decisão foi "estranha", mas se tornou a única alternativa no contexto de um sistema televisivo "que reservava às mulheres o reinado das louças. Em todas as emissoras o preconceito é grande", afirma. Ana Davis, contudo, faz a ressalva de que obviamente existem repórteres e apresentadores negros na televisão, mas destaca que o que falta é uma proporcionalidade justa, adequada, lógica.

"O racismo no Brasil foi muito camuflado devido à democracia sexual que, aliás, só privilegiou os brancos machos. Aqui ninguém quer se reconhecer racista, e isso é ainda mais cruel porque nós, negros, acabamos passando a vida como meias pessoas. Nós nunca nos realizamos totalmente", diz Ana, sem que isso represente, entretanto, um reconhecimento bem-sucedido que ela vem vindo de uma microempresa bem-sucedida que alcançou respeitabilidade em mais esse mercado.

Ana Davis sempre foi militante de chamado movimento negro brasileiro, sobretudo através de seu trabalho. "A minha presença pioneira na televisão foi um trabalho de alerta". No Rio de Janeiro, ela fundou a Associação de Artistas Plásticos Afro-brasileiros, além de estar vinculada ao Conselho Municipal em Defesa dos Negros do Rio e ao Instituto Palmares de Direitos Humanos. "Sempre fui atuante porque acredito no movimento como algo fundamental para a conquista dos nossos direitos", afirma, e destaca os trabalhos sociais com as comunidades carentes como os mais importantes. "A comunidade tem se manifestado e apresentado projetos que têm dado resultado", disse.

Davis foi militante da primeira hora

Em 1973, Ana Davis era apresentadora do "Jornal Hoje", da TV Globo do Rio de Janeiro



Para Ana Davis, que acredita no multiculturalismo e na possibilidade de uma feliz e igualitária convivência entre as raças, um dos grandes equívocos é a falta de conhecimento da nobreza ancestral da cultura negra. "Nem os negros brasileiros sabem quem são. A maioria deles não sabe que são africanos e que a África é mãe e tem de ser res-pectada". Simpatia ao estudo da Bíblia como livro sagrado e ainda trazendo vestígios e certa saudade do movimento hippie, é na doutrina do "paz e amor universais" que Ana Davis deposita sua crença na harmonização entre culturas "porque descende-mos do mesmo tronco e o que lo-do mundo quer é um pouco de paz", afirmou. (JM)